

^a Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, PR, Brasil

^b Hospital Universitário Regional dos Campos Gerais, Ponta Grossa, PR, Brasil

Introdução: A telangiectasia hereditária hemorrágica (THH), conhecida como Síndrome de Rendu-Osler-Weber, é uma rara condição caracterizada por angiogênese desordenada, de caráter genético. O diagnóstico pode ser feito pelos critérios de Curação ou pela pesquisa das mutações do gene HHT. Trata-se da segunda desordem hereditária hemorrágica mais comum no mundo, causa de inúmeras internações e prejuízo da qualidade de vida dos portadores. O tratamento, com base no 2o Guideline Internacional para Diagnóstico e Manejo da THH do American College of Physicians, é voltado à hidratação da mucosa nasal, uso de ácido tranexâmico e terapias ablativas para controle dos sangramentos, além de reposição de ferro para terapêutica da anemia resultante. Com a falha desta estratégia, recomenda-se considerar uso de antiangiogênicos sistêmicos; Esta série apresenta 3 casos de pacientes portadores de THH e anemia ferropênica secundária submetidos ao tratamento com Bevacizumab, agente anti-VEGF avaliado pelo inHIBIT-Bleed-um estudo retrospectivo e multicêntrico. **Descrição do caso:** Caso 1: masculino, 53 anos, apresentando múltiplos episódios de epistaxe de grande volume há cerca de 10 anos, refratária a tratamentos de cauterização e uso de ácido tranexâmico. Diagnosticado com THH e anemia ferropênica (Hb: 8,3 g/dL) durante o acompanhamento. Foram realizados 8 ciclos de infusão com resposta boa, resultando em ausência de ferropenia e valores de hemoglobina de 16 g/dL. Após 6 meses da última dose apresentou recrudescência do sangramento em pequena quantidade. Iniciado novo ciclo de infusões de Bevacizumab, tendo sido realizadas 12 infusões até o momento. Apresenta raros episódios de epistaxe de pouco volume, resposta satisfatória ao medicamento, sem efeitos adversos relevantes. Caso 2: feminino, 61 anos (irmã do caso 1), admitida com episódios recorrentes de epistaxe de grande volume e anemia ferropênica grave com necessidade de hemotransfusões. Após o diagnóstico de THH, feito reposição de ferro endovenoso e uso de ácido tranexâmico sem resposta satisfatória. Submetida a 6 infusões de Bevacizumab. Apresentou resposta favorável, com diminuição da frequência e volume dos sangramentos e resolução do quadro anêmico (Hb: 13,5 g/dL). Atualmente fazendo infusões mensais de ferro para controle de ferropenia (por intolerância ao ferro oral). Caso 3: feminino, 33 anos, sem comorbidades, acompanhada devido a diversos episódios de epistaxe de grande volume, eventualmente associados a hematêmese (incluindo quadros de hipotensão com necessidade de cuidados de emergência e até UTI). Após confirmação do diagnóstico, fez uso de ácido tranexâmico e terapias ablativas sem boa resposta, mantendo os sangramentos e anemia ferropênica grave, apesar da reposição de ferro (Hb: 5,8 g/dL). Após 2 anos de seguimento com tal estratégia de tratamento, optado uso de Bevacizumab - recebeu 6 infusões e cursou com redução de frequência e volume dos sangramentos, teve um único internamento para manejo da epistaxe após 3 meses da dose final. Atualmente está em acompanhamento, sem apresentar epistaxe de grande volume, mantendo

valores de hemoglobina próximos de 11 g/dL. **Conclusão:** Esta série aborda uma condição bastante desafiadora, marcada por grande imprevisibilidade nas manifestações, gravidade e resposta aos tratamentos. Existem consideráveis lacunas na literatura acerca do melhor tratamento da THH, portanto, é preciso novas pesquisas visando definir a terapêutica ideal, principalmente no caso de refratariedade às terapias tradicionais.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2025.104083>

ID - 1904

MORTALIDADE POR ANEMIA FERROPRIVA NA POPULAÇÃO GERIÁTRICA NO ESTADO DE SÃO PAULO ENTRE 2020 E 2024

BKAFMd Sá ^a, MA Furlam ^a, MFAF Diniz ^b, IdS Souza ^a, IF Estevão ^a

^a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, SP, Brasil

^b Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Uruguaiana, RS, Brasil

Introdução: No Brasil, a anemia por deficiência de ferro é considerada um grave problema de saúde pública devido ao aumento na prevalência. A ADF, decorre da diminuição do número de hemácias ou da concentração da Hemoglobina circulante, menor capacidade de transporte de oxigênio e diminuição da oxigenação tecidual. A anemia por deficiência de ferro em idosos está relacionada ao aumento de morbi-mortalidade. Neste público a anemia geralmente é multifatorial, mas dentre as principais etiologias, tem-se doenças crônicas e a deficiência nutricional. **Objetivos:** O estudo tem como objetivo descrever a mortalidade de idosos por anemia ferropriva no estado de São Paulo, comparando com a mortalidade nacional durante cinco anos, calculando a média e o ano com maiores e menores óbitos no estado. **Material e métodos:** estudo descritivo retrospectivo com dados do Painel de Monitoramento de Mortalidade do Departamento de Análise Epidemiológica e Vigilância de Doenças Não Transmissíveis da Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente (DAENT/SVSA/MS) de 2020 a 2024. Foram coletados dados de mortalidade em idoso subdivididos em grupos: 60 a 69 anos, 70 -79 anos e maiores de 80 anos. Foi filtrado na pesquisa o CID correspondente a anemia por deficiência de ferro (D50). **Resultados:** No Brasil houveram 242 mortes por anemia devido deficiência de ferro em idosos de 60-69 anos de 2020 a 2024, sendo o ano de 2021 correspondendo a 26%. Nesta faixa etária, o estado de São Paulo obteve uma mortalidade de 19%, sendo a maioria dos óbitos em 2021, equivalente a 5% do total. O ano com menor mortalidade foi em 2022. A média foi de 48,4% para o Brasil e 9,2% para SP. Na faixa etária dos 70-79 anos, o Brasil registrou 448 óbitos. O estado de São Paulo corresponde a 20% do total de óbitos, sendo 2021 com maior quantidade de óbitos e 2022 com menor quantidade. A média de obtidos foi de 18,2 no estado de SP e 89,6 no Brasil. Nos idosos com idade igual ou superior a 80 anos, foi registrado no Brasil, 1045

mortes. O estado de SP registrou 16% do total de mortes, sendo a maioria em 2021 e a minoria em 2022. A média de mortes foi de 35,2 para SP e 209 para o Brasil. **Discussão e conclusão:** Percebe-se um número elevado de óbitos em idosos com o aumento das idades, especialmente em maiores de 80 anos de idade, assim como, dados presentes na literatura. A média de mortalidade no estado de São Paulo e no Brasil aumentou significativamente em idoso maiores de 80 anos. Esse comportamento é perceptível na mortalidade brasileira, como também, no estado de São Paulo. Em todos os cenários demonstrou diminuição de 2021 para 2022 numericamente. Percebe-se que os dados epidemiológicos conversam com a literatura e que a mortalidade decorrente de anemia por deficiência de ferro está aumentada em idoso com maior idade. Percebe-se a necessidade de trabalhar a temática pensando na diminuição das mortalidade por essa condição.

Referências:

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Insumos Estratégicos em Saúde. Departamento de Gestão e Incorporação de Tecnologias e Inovação em Saúde. Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas: Anemia por Deficiência de Ferro. Brasília: Ministério da Saúde, 2023 MIRANDA, Emanuel Cardoso Marques de. Anemia em idade geriátrica: uma revisão da literatura. 2014. Dissertação de Mestrado. DE FREITAS, Daniel Sávio Braga et al. Interações por Anemia Ferropriva em Idosos no Brasil Antes, Durante e Após a Pandemia de COVID-19. ARACÊ, v. 6, n. 3, p. 8983-8995, 2024.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2025.104084>

ID - 2208

PANORAMA EPIDEMIOLÓGICO DA ANEMIA FERROPRIVA NO BRASIL NA ÚLTIMA DÉCADA

MC de Oliveira Belarmino,
ME de Oliveira Belarmino, PA Bento Fernandes,
MA da Silva Júnior, I Gonçalves Henriques,
ÂF Lima de Araújo Alves, MS Souza Costa

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
(UFRN), Natal, RN, Brasil

Introdução: A anemia ferropriva é uma condição caracterizada pela diminuição na produção de hemoglobina em decorrência da deficiência de ferro, podendo ter múltiplas causas, como deficiências alimentares, alterações na absorção, distúrbios metabólicos ou distributivos, além de perdas sanguíneas e aumento das demandas fisiológicas ou patológicas do organismo. **Objetivos:** Analisar o perfil epidemiológico da anemia ferropriva no Brasil na última década. **Material e métodos:** Foi realizado um estudo descritivo, quantitativo, de caráter retrospectivo e com recorte transversal, através de dados coletados no sistema de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), no endereço eletrônico (<https://datasus.saude.gov.br/>). Os dados obtidos são referentes ao perfil epidemiológico da anemia por deficiência de ferro no Brasil ao longo dos anos de 2014 à 2024. **Resultados:**

Entre 2014 e 2024, foram registradas 135988 internações decorrentes de anemia ferropriva no Brasil, sendo que as regiões Sudeste (54460) e Nordeste (38039), totalizando 68% do número de casos. Em relação ao sexo, as mulheres apresentaram maior número (78819, o que correspondendo a 58%) em comparação aos homens (57169, equivalendo a 42%). Por sua vez, a faixa etária com maior número de casos foi a de 80 ou mais anos com 23369 internações (17,1%). Vale ressaltar que a população geriátrica foi a que apresentou o maior número de casos: indivíduos com idade maior ou igual a 60 anos totalizaram 66719 (49%). Já em relação à etnia, os indivíduos pardos (55056) e caucasianos (46367) corresponderam a 74.5% do total. Quanto à mortalidade, registrou-se um total de 5946 óbitos, também sendo liderados pelas regiões Nordeste (1953) e Sudeste (2495). **Discussão e conclusão:** No período analisado foram registradas 135988 internações e 5946 óbitos decorrentes da anemia ferropriva no Brasil. Essa condição se mostrou mais prevalente no sexo feminino, na população idosa, nas etnias branca e parda, concentrando-se nas regiões nordeste e sudeste. Portanto, os dados evidenciam a relevância da anemia ferropriva como um problema de saúde pública, que exige estratégias eficazes de prevenção, diagnóstico precoce e tratamento, especialmente voltadas aos grupos mais vulneráveis. Além disso, vale destacar que o presente trabalho não conseguiu discernir sobre as principais etiologias da doença pela falta de dados da plataforma DATASUS, o que torna imperativo também a melhoria das ferramentas epidemiológicas do SUS e a realização de outros estudos voltados para essa temática.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2025.104085>

ID – 818

PERFIL CLÍNICO-LABORATORIAL E GENÉTICO DA HEMOCROMATOSE HEREDITÁRIA ASSOCIADA AO HFE EM UM HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DO SUL DO BRASIL

FM Carlotto, TGH Onsten, L Sekine

Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA), Porto Alegre, RS, Brasil

Introdução: A hemocromatose hereditária (HH) é uma doença genética caracterizada por absorção excessiva de ferro intestinal, levando ao acúmulo progressivo do metal em órgãos como fígado, pâncreas e coração. A mutação C282Y no gene HFE é a mais associada a formas clinicamente expressivas. A diversidade genética da população brasileira pode influenciar o fenótipo da doença, ainda pouco caracterizado no nosso país, especialmente na região sul, considerando a imigração italiana, que apresenta alta prevalência de indivíduos com HH. **Objetivos:** Descrever o perfil clínico, laboratorial e genético de pacientes com HH associada ao gene HFE atendidos em um hospital universitário do sul do Brasil. **Material e métodos:** Estudo retrospectivo com 165 pacientes diagnosticados com HH entre 2010 e 2024. Foram avaliadas variáveis clínicas, laboratoriais e genéticas. Os dados foram analisados por testes não paramétricos e comparações entre grupos por